

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

MATHEUS RODRIGUES

**O DISCURSO DO ÓDIO: OS TRAÇOS ENUNCIATIVOS DE SUA
PROLIFERAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS.**

Passo Fundo – RS

2019

MATHEUS RODRIGUES

**O DISCURSO DO ÓDIO: OS TRAÇOS ENUNCIATIVOS DE SUA
PROLIFERAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS**

Monografia apresentada à Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português Inglês e suas Respectivas Literaturas, sob a orientação da professora Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo – RS

2019

MATHEUS RODRIGUES

**O DISCURSO DO ÓDIO: OS TRAÇOS ENUNCIATIVOS DE SUA
PROLIFERAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS**

Monografia submetida à Comissão Examinadora designada pelo Corpo Docente do Curso de Letras Português Inglês e Respectivas Literaturas como requisito básico para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Passo Fundo, 24 de junho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Nome: Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura:

Nome:

Instituição:

Assinatura:

DEDICATÓRIA

Dedico, primeiramente, este trabalho à Marielle Francisco da Silva, socióloga, política, feminista e defensora dos direitos humanos, brutalmente assassinada no dia 14/03/2018.

Dedico, em seguida, com muito carinho, aos meus pais, Iran e Mariza, que me ensinaram que só a educação muda um homem.

Ao meu avô, Leodório, que junto das distantes estrelas cintilantes, deve estar olhando lá de cima com muito orgulho, repetindo sua frase, dita antes de partir: “O Matheuzinho vai ser professor”.

Às minhas irmãs, Manoella e Stéfani, cujo apoio emocional de abraços e carinhos, foi a fonte enérgica para girar a roda desta etapa da minha vida.

Ao meu filho, Benjamin, a quem deixei de dedicar parte do meu tempo em busca desta realização.

À mãe do meu filho, Luana, que ficou noites acordadas, sempre ao meu lado, sendo um dos pilares que sustentou todo o esforço para tal conquista.

À minha segunda mãe, e, sogra, Marli Gallina que também foi minha professora no início da carreira escolar, e me deu os conhecimentos essenciais para me tornar o que sou hoje.

Aos meus padrinhos e tios que estenderam seus braços me ajudando a alcançar os meus objetivos.

A todos os meus professores do Curso de Letras e a cada um dos funcionários desta instituição que contribuíram para minha passagem acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora e professora, Marlete Sandra Diedrich, pelos seus conselhos, sem os quais a realização deste trabalho se tornaria uma missão suicida.

À minha banca, Professora Patrícia Valério, por ter aceitado o convite de compartilhar e contribuir, com a sua maravilhosa presença, os seus conhecimentos para nortear a concretização de mais esta etapa acadêmica.

Aos Professores José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros cujos estudos fortaleceram a relevância científica desta pesquisa.

À minha mãe, em especial, por ter me letrado, incentivando os estudos, e, me transformado numa pessoa melhor.

À mãe do meu filho, Luana, por sempre estar ao meu lado e me auxiliando nesta etapa que se conclui.

À minha segunda mãe, minha sogra, e, que também foi professora, Marli Gallina, cujo conhecimento me subsidiou desde o início da minha carreira escolar.

Aos demais Professores do Curso de Letras que nortearam, iluminaram, e, enraizaram, à luz de seus saberes, o meu caminho em meio às tantas árvores no bosque do conhecimento.

Às amigas que fiz durante a passagem na Universidade, já que, sem elas tudo isso não teria feito sentido.

Aos cachorros do bosque que durante muitos intervalos me divertiram, confortaram, distraíram, em momentos de ansiedade e aflição, geralmente antes de trabalhos ou provas.

EPÍGRAFE

“Mãe...São três letras
apenas,

As desse nome bendito:

Três letrinhas, nada mais...

E nelas cabe o infinito

E palavra tão pequena

Confessam mesmo os ateus

És do tamanho do céu

E apenas menor do que

Deus!”

(Mario Quintana)

RESUMO

Este trabalho estuda os discursos de ódio que acompanharam a morte da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco. Tem como objetivo interpretar, com uma visão discursiva da linguagem, os comentários no Youtube, cujos sentidos estão relacionados ao discurso do ódio. Parte-se do ponto de vista da discussão sobre manifestações de “haters” em comentários que incitaram o ódio e o favorecimento da morte de mais uma mulher negra, de periferia, que alcançou uma posição de “empoderamento”. Nele, visa-se explicar a onda “tsunâmica” de ódio envolvendo o assassinato da servidora e a sua repercussão nas redes, contemplando a proporção gigantesca que isso tomou, levando em conta os conceitos bakhtinianos acerca do Dialogismo, com destaque aos traços dialógicos dos discursos no Youtube. A execução da vereadora acabou dando voz a muitos discursos de ordens favoráveis à morte de negros, bandidos, feministas, LGBTIs. Sob a orientação dos conceitos de dialogismo e enunciação, configura-se, primeiramente, a natureza dialógica dessas intervenções sociais. Pode-se dizer que esse tipo discursivo, que abrange variadas esferas sociais de comunicação, não é originário da internet, mas sim, de outros meios cujas vozes, devido ao poder que têm, atravessam diversas camadas dessas esferas.

Palavras-chave: Discurso, Dialogismo, Enunciação, Língua, Youtube, Discurso do ódio, Hater Speech, Haters, Vozes, Marielle Franco, Youtube, Esferas sociais.

ABSTRACT

This paper studies the hate speech that is shared about the Marielle Franco's death on Rio de Janeiro. The main objective of this work is, interpret with Lyotard's discursive perspective, the comments on Youtube, that talk about Marielle's brutal death how a good thing. It starts by the view of hater's comments, that incite the "hate speech" and the favoritism the death of one more black woman, of the periphery, that gets a professional growth in Brazilian Society. This work explains the wave of hate that invaded the social media contemplating the biggest proportion that it won. For this purpose, Bakhtin's theories of discourse are utilized, as well, Dialogism. This execution gives voice to the massive haters that promoting the death of black people, crooks, feminists, LGBTIs. In the orientation of the concepts of dialogism and enunciation, the dialogical nature of these social interventions is first contemplated. We can say that is a kind of discourse that encompasses many social spheres of communication and does not originate on the internet, they appear on the social media, because of the forces that made the language runs by others communication's spheres.

Key-words: Discourse, Dialogism, Enunciation, Youtube, Hater Speech.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	10
2	A REALIDADE DIALÓGICA DO DISCURSO	12
2.1	Conceitos de língua, fala e enunciação	12
2.2	Conceitos de dialogismo	17
2.2.1	Primeiro Conceito de Dialogismo.....	18
2.2.2	Segundo Conceito de Dialogismo	19
2.2.3	Terceiro Conceito de Dialogismo	19
3	DELIMITAÇÃO DO CORPUS.....	22
4	DISCURSO POLÍTICO E SUAS PECULIARIDADES DIALÓGICAS.....	25
5	O DISCURSO DO ÓDIO: UMA QUESTÃO DIALÓGICA?	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
7	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

O discurso do ódio, até hoje pouco estudado, vem numa crescente onda de ataques cada vez mais comuns nas redes sociais. Suas manifestações, em alguns momentos, extrapolam a realidade virtual e se materializam sob forma de violência física. Como identificar as suas causas e encontrar soluções apropriadas? O meio considerado, no momento, mais eficaz é a pesquisa científica. As pessoas podem compartilhar os mesmos valores, sofrendo as mesmas influências culturais e dispondo dos mesmos órgãos de comunicação e vivendo numa mesma sociedade e mesmo assim incitar o ódio exacerbado diante de atentados contra a democracia como o da vereadora assassinada?

Esta pesquisa bibliográfica destina-se a interpretar, sob uma lente discursiva da língua, o ódio manifestado em comentários no Youtube cujos conteúdos temáticos tratam da morte da vereadora carioca de uma forma pejorativa e odiosa, esses que se interagem, como se fossem falas transfiguradas em textos. E, antes de textos, são ideias ativas na mente da sociedade que os enuncia por trás de uma máscara cibernética. Logo, faz-se necessário estudar este discurso, uma vez que ele incita o ataque às minorias, o que por si só já se anuncia como um problema de ordem social, o que melhor se percebe quando se estuda sua repercussão. O caso da execução da Marielle Franco se mostrou bem especial, já que rodou o mundo, devido à gravidade e à profissionalidade do crime, e, mais ainda, por ter ferido a democracia brasileira. E, para muito além disso, por ter dado voz ao grande número de usuários que se dizem “a favor da morte de seres humanos”, o que resultou em inúmeros comentários nas redes sociais, os quais pluralizam a violência em suas várias formas.

Junto a isso, a execução da vereadora mobilizou tanto boa parte da sociedade brasileira e mundial a favor dos direitos humanos, quanto dos que vão contra essa esfera social. Este tema se mostra de grande valia para a comunidade acadêmica visto que ao longo de décadas o discurso do ódio aumentou, com grande frequência e força, nas redes sociais, enquanto nas comunidades acadêmicas ainda pouco se veem trabalhos escritos acerca desse tema. Sendo assim, este discurso passa às escuras diante dos olhos desavisados da população em geral que mesmo sem saber o reproduzem.

Cabe a este trabalho interpretar, sob uma lente discursiva da língua, os comentários postados no Youtube, cujas relações de sentido tematizam o ódio e a intolerância sobre a morte hedionda da vereadora do Estado do Rio de Janeiro Marielle Franco. São objetivos específicos

desse trabalho: a) Examinar as vozes que se presentificam no discurso caracterizado como discursos de ódio no Youtube. b) Descrever as relações de sentido estabelecidas nesses discursos a partir das marcas do dizer constatadas. c) Refletir sobre a interação verbal construída por meio desses discursos e sua repercussão nas grandes mídias.

Toda pesquisa de caráter científico exige uma estrutura previamente determinada, cuja composição se inicia em determinar problemas como: Quais as marcas das relações dialógicas presentes nos comentários de redes sociais? A partir desta questão é buscado o devido embasamento teórico para se chegar em sua solução (CERVO, 2002, p. 63-64). Existem meios variados para se chegar ao conhecimento, “um desses meios, aliás muito recomendável, é a consulta bibliográfica que se caracteriza por dirimir pequenas dúvidas, recorrendo a documentos. Segundo Cervo (2010) este tipo de pesquisa busca explicar um problema a partir de um referencial teórico já publicado.

Portanto, discutem-se as estratégias e a metodologia adotadas neste trabalho, as quais baseiam-se em uma pesquisa bibliográfica, exploratória e de análise de conteúdo, constituindo-se em um estudo de teorias acerca da Língua, Fala, Enunciação e Dialogismo em especial explicitadas no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Mikhail Bakhtin/Volochinóv (2009)¹, com fins de aplicação numa situação discursiva específica, explorando um número x de comentários julgados como de ódio e intolerância. Os fundamentos teóricos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa se baseiam em dois pensamentos do teórico, sendo eles: o dialogismo e a enunciação. Neste caminho, serão analisados os traços enunciativos e dialógicos deste tipo enunciativo. Os dados serão coletados diretamente dos comentários feitos pelos usuários acerca do vídeo “*O último pronunciamento de Marielle Franco antes de ser executada no Rio de Janeiro*”.

¹ Sabemos que toda a obra de Bakhtin foi ocultada boa parte do tempo da sua própria pátria, tempo que compreendeu um quarto de século. Por isso alguns de seus livros não foram primeiramente publicados com seu nome. Este trabalho foi primeiramente assinado por V. N. Volochinóv, em Leningrado, 1929-1930.

2 A REALIDADE DIALÓGICA DO DISCURSO

Neste capítulo, faremos uma explanação sobre as questões trazidas por Bakhtin e pelo estudioso José Luiz Fiorin, leitor e estudioso da obra de Bakhtin, em especial, acerca de um dos conceitos que revolucionou a Linguística Moderna, o Dialogismo. Mas, primeiramente, será dada uma breve explicação sobre os conceitos de Língua, Fala e Enunciação, cujos conteúdos ampliam a visão de dialogismo, um ponto de vista de extrema importância e fundamental para esta monografia. É sabido que todos discursos, de todas esferas sociais de comunicação, são, por natureza, dialógicos, e, é esse caráter que orienta qualquer enunciado, sendo ele presente na internet, no cotidiano, na televisão, no meio político.

2.1 Conceitos de língua, fala e enunciação

A partir daqui, discorreremos sobre os principais conceitos bakhtinianos envolvidos neste trabalho monográfico. Começaremos a discutir o conceito de língua, que, em Bakhtin (2010), é trazido em contraponto ao que Ferdinand Saussure, pai da linguística geral, no final do século XVIII e início do XIX, teorizou sobre o sistema da língua. Segundo Saussure, a língua é um conjunto de normas imutáveis que está depositado no cérebro de cada “indivíduo” falante. Para o autor russo, no entanto, a língua é tudo menos um conjunto sistêmico de normas imutáveis. Para afirmar tal proposição por ele proferida, levamos em conta o fato de que a língua sofre uma constante evolução, tanto no seu contexto de utilização quanto na boca de seus falantes, nas palavras do filósofo:

O sistema linguístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação. Na realidade, o locutor serve-se da língua para as suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala.). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p.96).

Sem contexto, a língua se torna apenas um sistema de formas inertes dentro de um dicionário qualquer, isso é o que o teórico quer dizer com tais afirmações. Quem faz o uso da língua, segundo Bakhtin (2009), é o locutor e, para este, o sinal fixo não tem uma finalidade comunicativa, e sim, somente se for tido como um “signo variável e flexível” em cada situação de uso. Não basta apenas levar em conta o “ponto de vista do locutor”, para a efetivação da comunicação, o do “receptor” também é levada em conta pelo locutor, já que ambos veem a língua como um conjunto de “signos” que mudam de acordo com cada enunciação. Em outras palavras, quem recebe a língua, ou uma forma linguística, durante uma enunciação concreta, apenas a percebe como variável e flexível.

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p. 99).

Seria impossível imaginar o que é este fenômeno humano, chamado linguagem, sem tratar do papel principal do “interlocutor” nesse processo infundável e evolutivo que é a comunicação, Bakhtin (2009, p.116) irá chamá-lo de “receptor”. Para o estudioso, este não é apenas quem recebe o sinal pronto com um significado fixo, e sim, quem descodifica, num dado contexto, o que um “signo” quer dizer. Lembrando que “o signo é descodificado; só o sinal é identificado”. Sendo o sinal uma “entidade de conteúdo imutável” que não serve para fins comunicativos, por exemplo uma palavra de uma língua morta. Bakhtin (2009, p.117) diz que o interlocutor é o responsável pela metade, vamos dizer assim, desta troca verbal entre esses dois atores enunciativos.

É neste momento que se torna necessária a contextualização da teoria da enunciação e interação bakhtinianas, já que é entendida, por Bakhtin e Volochínov (2009, p.117), a língua como um fato social, e que é esse fator o organizador do pensamento linguístico de cada indivíduo, logo “a enunciação é de natureza social”. Os enunciados, além de serem “únicos e irrepetíveis”, são também as unidades reais da comunicação e produtos da interação verbal. Mas antes de falarmos em tais conceitos, cabe ressaltar a importância do conceito “ato da fala”,

que o teórico apresenta como o produto da enunciação concreta e precisa de um falante, e sendo esta, também, totalmente social. Retomando a teoria, o enunciado concreto existe dentro de uma esfera discursiva pré-determinada, ou seja, onde ficam os discursos e mobilizamos o nosso dizer, mobilizamos o outro, onde mobilizamos uma interação e ela só se concretiza em enunciados. Nesse sentido, o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva já que o discurso só existe nos enunciados, que são ditos por determinados falantes de diferentes esferas de atividade humana, dentro de uma situação comunicativa. Não obstante, o que molda o pensamento não é o interior (individual, psicológico), mas o exterior ao indivíduo, ou seja, o contexto social ao qual está inserido.

Para entenderem-se as teorias num todo deve-se, agora, abordar o conceito de expressão, em Bakhtin e Volochínov (2009, p.118), pois, segundo eles, seu domínio abrange tanto a enunciação quanto o ato de fala. O que é, então, a expressão? De acordo com o Círculo, é tudo aquilo que antes de ser exteriorizado, ou seja, expressado, se forma na mente do indivíduo falante, assim como os pensamentos, mas que, quando são enunciados, deixam de sê-lo. Sendo assim, ela “comporta, duas facetas: o conteúdo, interior, e, sua objetivação exterior para outrem, ou também para si mesmo (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, p.118).” Portanto, todo ato de enunciação é determinado, antes de tudo, pela situação contextual mais imediata. Assim, afirma Bakhtin (2009, p. 118) que a enunciação é o resultado da colaboração verbal de dois indivíduos organizados num contexto específico, mesmo que o interlocutor não exista no mundo físico, ele pode ser trocado por um representante médio do grupo ao qual pertence.

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p. 116).

Tudo que é interno ao indivíduo ou produto da sua reflexão têm um “auditório social”, o qual é próprio de cada um, e, em cujo domínio, são construídas suas deduções internas, motivações, apreciações, sendo assim, a orientação da palavra contém dois lados. Desta

maneira, ela procede de alguém, como se dirige para alguém, ou seja, é pela palavra que algo é definido em relação ao outro, se ela se apoia sobre um “eu” do outro lado se apoiará num “tu”. Compreende-se a palavra como um território comum entre locutor e interlocutor, o qual, é dividido em partes iguais tanto àquele quanto a este. “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p. 117).”

Sendo assim, esse conceito importantíssimo da teoria bakhtiniana prevê que qualquer enunciação é direcionada ao coletivo e, primariamente, ela é determinada pelos sujeitos enunciativos, presentes ou não, no ato de fala, visíveis ou elípticos, ligados por uma situação concreta. Então é ela o molde da enunciação, ou seja, são os meios e quem participa de imediato, os determinantes da forma e estilo da enunciação. Bakhtin (2009) a toma no berço de sua criação, ou seja, no cérebro, ou, pelas palavras do autor, dentro da “alma” do indivíduo, tudo para explicar que a “atividade mental” é tão social quanto a enunciação. O nível de organização daquela é igualmente determinado de acordo com o nível da organização social, a qual o indivíduo está inserido.

O contexto social imediato determina quais serão os ouvintes possíveis, amigos ou inimigos para os quais serão orientadas a consciência e a sensação da fome: as imprecisões serão lançadas contra a natureza ingrata, contra si mesmo, a sociedade, um grupo social determinado, um certo indivíduo? Claro, é preciso distinguir graus na consciência, na clareza e na diferenciação dessa orientação social da experiência mental (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p. 119).

Como vimos, a enunciação é entendida por Bakhtin (2009, p. 126) como o resultado da interação social, sendo essa determinada pelo seu ato individual específico ou contexto mais abrangente, o que concerne a um conjunto de condições cotidianas de uma comunidade falante predeterminada. Mas para que uma enunciação se efetue é preciso implicar sobre ela um “tema” e uma “significação” cujas funções estão ligadas indissolavelmente. São esses, assim, dois conceitos importantíssimos das teorias bakhtinianas. O autor afirma que “o tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual pertence”, ou seja, o que em geral uma enunciação quer dizer está diretamente ligado ao momento em que foi dito, fora dessa noção de espaço/tempo do “aqui/agora” não teríamos os dados do tema de um enunciado e, sim,

apenas a sua “significação”, característica comum a todas as palavras. O significado é naturalmente identificado enquanto o tema não, ou seja, o primeiro está ligado às relações morfossintáticas, não importando o quando e onde estão sendo proferidos, já o segundo é unicamente ligado ao momento que é expressado.

O tema da enunciação é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p.134).

Todo e qualquer enunciado, ao proferir-se, será direcionado a um interlocutor que é, por excelência, o destinatário da mensagem que aquele comporta. Para que este infira sobre ele um sentido, é necessário que possua em sua composição um “tema” e uma “significação”, sem estes um enunciado se torna equivocado e infrutífero. “Um sentido definido único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu tema” (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p.133). Para o Círculo, o tema de um enunciado sempre deverá ser único, sem tal característica não teria como definir a enunciação.

O tema é, assim por dizer, como o enunciado, “único e irrepitível”, este não pode ser distinto da situação histórica a qual foi proferido. O enunciado “bandido bom é bandido morto”, a cada vez que for emitido por um falante tomará um sentido diferente, como consequência, adquirirá um novo tema de acordo o momento histórico concreto ao qual se encontra.

O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p.134).

Para além do tema, temos o conceito de “significação” que, segundo os teóricos, está no domínio do conteúdo temático de cada enunciação, “por significação, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p.134). Portanto não cabe à análise o tema de uma enunciação, mas, sim, a sua significação, já que é ela ligada aos elementos linguísticos que a compõem. O tema, em Bakhtin e Volochínov (2009), se encontra dentro do plano das ideias, ou seja, da consciência, já a significação é “um aparato técnico” para que o tema se realize, portanto não há um sem o outro.

A maneira mais correta de formular a inter-relação do tema e da significação é a seguinte: o tema constitui o estágio superior real da capacidade linguística de significar. De fato, apenas o tema significa de maneira determinada. A significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p. 136).

Portanto, o tema e significação possuem uma clara distinção quando abordamos o conceito de compreensão, que é trazido pelo Círculo como “responsivo ativo”, ou seja, fecundo de resposta, só assim é possível compreender o tema. Entender o que o outro quer dizer é orientar-se em relação a ele, ou seja, encontrar o seu lugar no contexto correspondente. “Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2009, p.137). Para o Círculo, a compreensão já é um diálogo, ela existe para a enunciação tanto quanto a réplica existe para uma afirmação proferida anteriormente.

2.2 Conceitos de dialogismo

A noção de dialogismo apresentada por Bakhtin e seu Círculo defende a ideia de que a natureza do discurso é dialógica em qualquer manifestação, logo o que se diz é orientado pelo outro a quem a palavra será direcionada, sendo a palavra uma espécie de espelho que refrata e reflete o que outras palavras já disseram. Seja qual for seu significante ou significado, o seu motivo de expressão, quaisquer sejam os enunciados, desde que numa mesma comunidade linguística, sempre se colidirão com as palavras do outro a quem é dirigida a fala, sendo esse

presente ou não nesse “ato”. Segundo Fiorin (2006, p. 21), utilizando-se da fala do teórico, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Ele também afirma que essas relações não se estreitam, ao quadro estreito do diálogo face a face, e sim, abordam amplamente todos os enunciados do “processo de comunicação”. Nos enunciados existe um tipo de ancoragem que é sempre conectada à palavra do outro.

Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso todo o discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (FIORIN, 2006, p. 22).

Isso quer dizer que na linguagem sempre estaremos acompanhados, nunca falaremos sozinhos, quando dizemos “olá”, o direcionamos a alguém ou respondemos a um “oi” dito, anteriormente, por outra pessoa. Participamos de um grande diálogo que não se finda. Quando refutamos, por meio da linguagem, grupos sociais minoritários, não só se refuta os indivíduos neles presentes, como também, todo e qualquer discurso que os defenda e defenda a seus direitos.

2.2.1 Primeiro Conceito de Dialogismo

O primeiro conceito de dialogismo é chamado constitutivo, já que qualquer enunciado é formado a partir de um dado enunciado, se trata de uma refração de outro enunciado, portanto para Fiorin (2006, p. 27), nele se envolvem no mínimo duas vozes, sendo que, um enunciado é sempre diferente do outro, por possuírem dois pontos de vista distintos.

Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição. O que é constitutivo das diferentes posições sociais que circulam numa dada formação social é a contradição. O contrato se faz com uma das vozes de uma polêmica (FIORIN, 2006, p. 28).

Bakhtin e Volochínov deixam nas entrelinhas da compreensão de seus leitores e demais estudiosos, um legado, ao explicarem que todo enunciado se dirige não somente a um receptor, o qual a presença é percebida racionalmente, mas também a um super-receptor, ou seja, se o discurso comportar uma mensagem cujo conteúdo temático incite o ódio, e, se direcione a uma tal comunidade, as palavras enunciadas não serão apenas lançadas a um único membro de um grupo LGBT, por exemplo, serão direcionadas, e, atingirão todos os seus membros, refutando, inclusive, os discursos que promovem a “*LGBTIfobia*”, o “*lesbocídio*”, e, o “*feminicídio*” como crimes.

2.2.2 Segundo Conceito de Dialogismo

O segundo conceito será chamado de dialogismo composicional, que trata “da incorporação pelo enunciador das vozes de outros no seu enunciado. São maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso (FIORIN, 2006, p.32).” O fato de absorvermos o discurso do próximo em nosso próprio enunciado é a maneira de deixar visível esse princípio de funcionalidade da linguagem na comunicação real.

Fiorin (2006, p.37) destaca que há duas formas de se apropriar do discurso de outra pessoa: a primeira se trata simplesmente de citar abertamente o discurso de outro, o qual é chamado por Bakhtin “discurso objetivado”, enquanto na segunda existe a presença de duas vozes veladas, ou seja, supridas, o que o filósofo deu a nomenclatura “discurso bivocal”. Essas duas formas se desmembram em “procedimentos”, enquanto os da primeira orientação são o discurso direto, indireto, aspas, negação, os da segunda são a paródia e a estilização precisamente. Não vamos detalhar estes pormenores, já que a linha de pesquisa não tomará este rumo.

2.2.3 Terceiro Conceito de Dialogismo

Vamos, agora, brevemente passar ao terceiro conceito de dialogismo, que poderemos chamar de discurso subjetivo. Em relação a ele, Fiorin (2006, p. 61) afirma ser constitutivo de relações sociais de que participa o sujeito. Nas palavras de Bakhtin o estudioso reafirma que o sujeito não é “assujeitado, ou seja, submisso às estruturas sociais, e nem autônomo em relação a elas.” Há também um princípio geral levado em conta por Fiorin (2006, p. 61), o qual é o agir

do indivíduo em sociedade que constitui a consciência do ser, ou seja, para Fiorin (2006, p. 61) o dialogismo é o princípio que constitui o indivíduo e o princípio de ação, já que, falar é agir sobre o outro e em relação a este.

A apreensão do mundo é sempre situada historicamente porque o sujeito está sempre em relação ao outro, que vai constituindo-se discursivamente, aprendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imersa e ao mesmo tempo suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. (BAKHTIN, 2009, p.58).

Acerca disso, Fiorin (2006), em *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*, fala sobre as duas forças que regem essas vozes sociais, forças centrípetas e centrífugas e afirma que alguns discursos são levados como vozes de autoridade, por isso, com ajuda da internet, são propagados em larga escala em poucos segundos. Esses “ecos” advindos de outros discursos encharcam esses comentários de ódio além de outros temas que são facilmente observados em diversos deles como, por exemplo, os dizeres homofóbicos.

Na concepção de Bakhtin, qualquer enunciação pode ser compreendida, assim, como unidade contraditória e tensa dessas duas forças opostas:

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e de desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo. Esta participação ativa de cada enunciação define para o plurilinguismo vivo o seu aspecto linguístico e o estilo da enunciação, não em menor grau do que sua pertença ao sistema normativo centralizante da língua única. Cada enunciação que participa de uma “língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras). Trata-se da língua do dia, da época, de um grupo social, de um gênero, de uma tendência. (BAKHTIN, 1998, p. 82).

Essas duas forças opostas e aparentemente contraditórias atuam nos enunciados. As forças centrípetas atuam no sentido de regular, normatizar, estabilizar, generalizar, promover recorrência, assim, no discurso do ódio, as forças que aí agem são as de “branqueamento da

sociedade”, normatização da língua, estabilização de gênero masculino e feminino, generalização de classes sociais, sendo que as minorias devem submeter-se às majorias. E, as forças centrífugas desestabilizam os discursos de heterossexualidade, relativizam as opiniões acerca de gênero e identidade, dinamizam as discussões sobre classes sociais, surpreendem a sociedade com novos padrões de contratos, como os de “plurilinguismo”, e, de “mestiçagem”.

No próximo capítulo começaremos a discutir a questão dialógica presente nos discursos do ódio, e delimitaremos o corpus de análise deste trabalho, sendo que eles ocorrem em várias esferas da comunicação social, não nos deteremos em gêneros do discurso, talvez numa próxima ocasião. O que seria um ponto de vista interessante a se abordar. Portanto a comunicação discursiva só se dá por enunciados, ou seja, o discurso está fundido em enunciados. E pensar em enunciado concreto é pensar em respostas.

3 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

Podemos dizer que os discursos que promovem o ódio estão presentes em muitos domínios, sejam eles, político, econômico, físico, espiritual, emocional. Então, qual é o papel da linguística em pensar no mundo através de textos? Textos que nos atingem como discursos midiáticos de ódio e intolerância nas interações sociais, estão circulando a todo momento dentro de todas essas esferas. Somos usuários deste sistema, e nele criamos ideias, e essas ideias, na internet, se propagam numa velocidade muito maior, atingindo muito mais pessoas, mais do que se possa imaginar.

No Youtube, o discurso do ódio assume características próprias. Para discutirmos o tema nesse contexto, tomamos como corpus de análise, os chamados “comentários”, que, no site tomam um tom convidativo para o usuário deixar a “sua opinião”. No campo “deixe seus comentários” o Youtube convida o público a comentar acerca do que foi assistido. O site enuncia ao seu interlocutor que faça algum comentário, ou seja, que responda ao que está sendo pedido, esse ato é por excelência dialógico, o que chamamos de “ato responsivo ativo”. Desse modo, diz BAKHTIN (2000, p. 290):

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz[...] o ouvinte que percebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar. (grifos nossos).

Esse ato de resposta ativo implica diretamente uma ação concreta de intencionalidade voluntária que é praticada pelo usuário do Youtube. Esse aspecto é interpretado por SOBRAL (2005, p.20) que destaca o caráter de “responsabilidade” e de “participatividade” do usuário que une responsabilidade – o responder pelos próprios atos - a responsividade, o responder a alguém.

O vídeo a partir do qual reúne-se o corpus de análise encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Da7dqCqEJmA>, e é o último depoimento de Marielle como vereadora do Rio de Janeiro, a gravação ainda está disponível na plataforma, atualmente com mais de 400 mil visualizações e milhares de comentários. Dentre eles uma dualidade bem

marcada entre usuários que partilham os mesmos interesses da candidata e outros totalmente desfavoráveis às ideias por ela defendidas. Tal configuração por si só já se apresenta uma questão dialógica, pois são dois discursos, ou talvez mais, aí em embate. Isso poderia nos dividir em dois caminhos, porém, neste trabalho, nos deteremos apenas nos comentários que incitaram o ódio à vereadora, e, não só a ela, para toda uma comunidade, tendo em vista as influências de outros discursos em outras esferas sociais.

De acordo com Barros (2016, p.21), o discurso do ódio visto sob uma lente de organização narrativa é, antes de tudo, um discurso de punição aos indivíduos considerados “maus cumpridores de certos contratos sociais”. O que nesse caso, é evidente de que uma mulher negra que “ascendeu” socialmente, ou seja, se tornou vereadora, também descumpra um “contrato social” pré-estabelecido, de branqueamento da sociedade, ou seja, só homens brancos podem ocupar tal cargo político.

Logo, numa primeira leitura desse corpus de análise nos vieram muitas temáticas propostas pelos próprios usuários, que delimitamos como: “os comentários favoráveis à morte da vereadora” x “comentários desfavoráveis à morte da vereadora”. Selecionamos os que compactuam uma semelhança em forma, conteúdo e significação, dentro do tema “favoráveis à morte”:

- Força Bolsonaro, arma nas mãos do cidadão de bem e polícia armada até os dentes.
- Que morra e leve os seus grupos de ladrões com você, PT, PSOL...Vai embora...Ninguém merece mais gente como você no Brasil!
- Que roupa é essa que ela “tava” usando pra falar no plenário da Câmara?
- A esquerda sempre irrigando sua ideologia com sangue alheio. Se fosse uma mulher negra q não levantasse bandeira, estariam cagando e andando. Q vergonha.
- Já dizia o nosso futuro presidente Jair Bolsonaro “violência se combate com violência...se o vagabundo “tá” com 380 você tem que “tá” com um fuzil”
- Menos uma comunista no mundo que alívio.
- Esquerdista bom é esquerdista morto

- Esquerdista do caralho, quem defende bandido tem q morre mesmo!
- Todo político é bandido vagabundo isso inclui essa piranha.
- Se for feminista tem que se “fude” mesmo.
- Cadê os bandidos que ela defende pra ajudar ela? Bandido se mata com arma e não desarmando a população. #PSOLIXO
- Morta não fala kkkkkkk ainda mais defensora de bandidos que mereceu o fim que teve, favelado bom e favelado morto assim como os funkeiros e manos que são a escória do mundo como os 7 da rocinha que foram para o espaço essa semana.
#odeioosdireitoshumanos #morteaosfunkeiros
#funkeiobomefunkeiromorto
- A CAETANA VELOSA E SUA MULHER MACHO PAULA BEIÇINHO DE MACACO DEVEM ESTAR MUITO TRISTE KKKKK.
- Cabelinho de pichain, cara de arrogantezinha se fudeu.
- Essa mulher era uma vagabunda sapatão do caralho!

A partir desses comentários selecionados, esclareceremos que a análise acontecerá em quatro momentos: no primeiro, destacam-se as relações dialógicas existentes entre os discursos políticos e discursos midiáticos do ódio, ou seja, como um se relativiza, impregna e penetra no outro, levando em conta o conceito de dialogismo presente em *Introdução ao Pensamento de Bakhtin* e explicitado neste trabalho no capítulo 2 . No segundo momento, examinaremos as vozes que se fazem presentes no discurso caracterizado como discursos de ódio no Youtube. Em seguida, descrevemos as relações de sentido estabelecidas nesses discursos a partir das marcas do dizer constatadas. E, por último, refletiremos sobre a interação verbal construída por meio desses discursos e sua repercussão nas grandes mídias. Esses momentos acontecerão em um único capítulo, a seguir.

4 DISCURSO POLÍTICO E SUAS PECULIARIDADES DIALÓGICAS

Antes da análise propriamente dita, cabe esclarecer sobre os discursos vindos de outra esfera de comunicação que invadem e impregnam-se em dizeres na internet. Segundo Barros (2016, p.10), o discurso político possui três características principais: 1) É um discurso do poder já que o sujeito enunciativo político é modalizado pelo poder para, assim, garantir sua “conservação”, “reconhecimento” e “reforço”; 2) É um discurso que tem como objetivo a busca por poder, 3) É um discurso inteligente e por isso é “confiável”, tem poder de “persuasão”, o sujeito político é um “sujeito do saber”. Ele conhece as estratégias da linguagem por isso as usa em seu benefício.

Nos discursos políticos que se incorporam à história e à formação da sociedade, residem a alienação dos sujeitos que, envolvidos por essa teia de signos linguísticos e ideológicos, podem distanciar-se de si mesmos, alterando assim sua subjetividade. Grande parte dos discursos políticos utilizam da arte da retórica para difundir suas crenças e ideais. A arte da retórica, nesse sentido, consiste em utilizar palavras que possam inspirar as pessoas fazer algo, chamando-as para a ação, ou seja, a uma atitude responsiva ativa.

A apreensão do mundo é sempre situada historicamente porque o sujeito está sempre em relação ao outro, que vai constituindo-se discursivamente, aprendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imersa e ao mesmo tempo suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. (BAKHTIN,2009, p.58).

Essas vozes sociais são associadas com o intermédio de duas forças distintas, as forças centrífugas e forças centrípetas da língua, as quais o sujeito vai integrando ao seu discurso aos poucos. Essas forças serão explicitadas no próximo capítulo.

Assumimos o ponto de vista da perspectiva de Bakhtin e seu Círculo de que a linguagem sempre é um produto da interação verbal, ou seja, só se dá pelo outro, quando esse “eu” e esse “interlocutor”, promovem uma interação. O que significa isso? É pensar e compreender que a interação significa viver e participar de uma grande conversa, sendo assim, nunca estou só, nunca falo sozinho. Sempre para o outro. Os comentários do Youtube estão dentro de um grande

diálogo e interação que não se acaba. A medida em que o número deles aumenta a interação também aumenta.

Quando o filósofo da linguagem afirma que o contexto social imediato é o moldador da situação enunciativa, os ouvintes ali presentes a quem as palavras são direcionadas, nesse caso no Youtube, não são pegos por esse contexto imediato da linguagem, mas há uma certa aproximação com um “super-receptor”, porém esses interlocutores estão distantes uns dos outros.

5 O DISCURSO DO ÓDIO: UMA QUESTÃO DIALÓGICA?

Neste capítulo daremos início, e, concluiremos, a análise dialógica sobre o nosso corpus pré-estabelecido. Primeiramente, haverá uma contextualização sobre o discurso político, devido ao seu poder de propagação nas redes sociais, e, em segundo, o discurso do ódio será exemplificado à luz do que diz a estudiosa brasileira, Professora Diana Luz Pessoa de Barros, que estuda o fenômeno há algum tempo. À medida em que isso for se sucedendo, daremos um ponto de vista especial utilizando-nos das teorias bakhtinianas acerca da linguagem. Portanto, serão analisados conforme suas aproximações de conteúdo, significado, e, de conteúdos temáticos.

Os discursos acerca da morte da vereadora, talvez, numa primeira leitura sejam idealizados e direcionados a ela, porém não podem ser, já que essa interlocutora não existe mais no plano em que o discurso acontece, desse modo, eles são direcionados a outra comunidade de interlocutores. Entre esses interlocutores, certamente há aqueles cujo posicionamento é o mesmo dos sujeitos que enunciam, no entanto, os discursos também podem ser entendidos como direcionados às minorias atingidas pelos comentários depreciativos. De todo modo, configuram um discurso de ódio com conteúdo antissocial. Podemos notar que, em sua maioria, os enunciados se concretizam em terceira pessoa no tempo e espaço “aqui/agora”, trazendo um distanciamento do enunciador, que é um efeito garantido, também, pelo fato de estarem na internet, porém, “na internet tudo é pra sempre” e para sempre se propaga, como se ecoasse por tempo indeterminado.

Seguindo por esse caminho, Barros (2014, p.3) relata que os textos na internet se aproximam da fala, assim como nos bate-papos, os comentários, a comunicação no viés midiático, são próximos e distantes, descontraídos e formais; completos e incompletos, simétricos e assimétricos, subjetivos e objetivos. Portanto, há duas ou mais pessoas ali no meio interagindo e produzindo sentido com alcance inimaginável e que perdurará por mais tempo que um enunciado propriamente dito. Para o Círculo de Bakhtin, um enunciado é único e irrepetível, podemos dizer que nas mídias sociais ele ganha mais algumas características que Bakhtin não previu e nem poderia.

O “hater” é um indivíduo por trás de uma conta particular, acontece que, este “eu” existente ali, a se enunciar, dentro do conforto e segurança da sua casa, envia comentários disseminadores de ódio, intolerância, racismo, machismo, homofobia, não é o culpado. O que acontece, na verdade, é muito mais complexo, já que o princípio que rege a linguagem humana

é dialógico, ou seja, o meu dizer é orientado pelo dizer de outro. Então os comentários que aquele enunciador envia estão encharcados de outros ditos. Por isso não podemos dizer que o discurso é apenas dele e só ele o reproduz, muito pelo contrário, essas vozes do ódio são repercutidas por ele, mas vindas de outros cantos, nascidas fora da internet.

Acerca disso, Fiorin (2006), em *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*, fala sobre as duas forças que regem a linguagem, forças centrípetas e centrífugas e afirma que alguns discursos são levados como vozes de autoridade, por isso, com ajuda da internet, são propagados em larga escala em poucos segundos. Esses “ecos” advindos de outros discursos encharcam esses comentários de ódio além de outros temas que são facilmente observados em diversos deles como, por exemplo, os dizeres homofóbicos.

Na concepção de Bakhtin, qualquer enunciação pode ser compreendida, assim, como unidade contraditória e tensa dessas duas forças opostas:

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e de desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo. Esta participação ativa de cada enunciação define para o plurilinguismo vivo o seu aspecto linguístico e o estilo da enunciação, não em menor grau do que sua pertença ao sistema normativo centralizante da língua única. Cada enunciação que participa de uma “língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras). Trata-se da língua do dia, da época, de um grupo social, de um gênero, de uma tendência. (BAKHTIN, 2000, p. 82).

Essas duas forças opostas e aparentemente contraditórias atuam nos enunciados. As forças centrípetas atuam no sentido de regular, normatizar, estabilizar, generalizar, promover recorrência, assim, no discurso do ódio, as forças que aí agem são as de “branqueamento da sociedade”, normatização da língua, estabilização de gênero masculino e feminino, generalização de classes sociais, sendo que as minorias devem submeter-se às majorias. E, as forças centrífugas desestabilizam os discursos de heterossexualidade, relativizam as opiniões acerca de gênero e identidade, dinamizam as discussões sobre classes sociais, surpreendem a sociedade com novos padrões de contratos, como os de “multilinguismo”, e, de “mestiçagem”.

Agora passamos a análise, à luz da teoria bakhtinianas, do comentário 3, que nos diz: “Que roupa é essa que ela tava usando pra falar no plenário da câmara?”; Acreditamos ser ele o mais relevante sobre a questão levantada por Barros (2016), o qual foi apresentado no terceiro capítulo. No conteúdo temático desse corpus, em especial, se evidencia, de uma forma clara, essa punição sofrida pelos indivíduos “não cumpridores” do “contrato de branqueamento” da sociedade, no caso, da esfera política, na qual Marielle se fazia presente. Numa análise do conteúdo temático do enunciado, o enunciador acredita que Marielle não se vestia adequadamente para estar no Plenário da Câmara. Isso se mostra como um enunciado “monologizado”, ou seja, impenetrável à relativização, depreendido de um discurso autoritário que está presente tanto na sociedade quanto em discursos de dentro da câmara, produzidos pelos parlamentares ao dizerem que a roupa da candidata não é adequada. Estas forças que desejam padronizar a vestimenta dos parlamentares da câmara são as mesmas que deixam os discursos autoritários.

No comentário: “Força Bolsonaro, arma nas mãos do cidadão de bem e polícia armada até os dentes”; pode ser percebido, logo na primeira leitura, pelo conteúdo que expressa, que se trata da temática de outras vozes ali presentes, estas advindas de outras esferas de comunicação, por exemplo o discurso político. Sendo, nesse caso, o de apoio à política de armamento, ou seja, o discurso que incita a arma nas mãos do “cidadão de bem”. Analisando-o, percebemos bem a questão dialógica de um importante conceito bakhtiniano, que nos diz que os discursos são incorporados de várias formas, no caso desse comentário o usuário simplesmente cita abertamente Jair Bolsonaro², evocando, assim, um “discurso objetivado”, no qual o enunciador tem a intenção de mostrar no seu enunciado que está evocando um argumento de autoridade. Tal posição ocorre também no comentário: “Já dizia o nosso futuro presidente Jair Bolsonaro violência se combate com violência...se o vagabundo tá com 380 você tem que tá com um fuzil...”; no qual, o ex-deputado federal também é citado como mecanismo de argumentação. Nesse comentário é possível inferir uma relação de sentido muito forte entre o enunciado de Jair Bolsonaro: “Todo vagabundo tá armado! Só falta o cidadão de bem!” e o do usuário, ambos dialogam com o discurso armamentista. Ambos compactuam a ideia de que mais armas podem garantir mais segurança.

Os comentários: “Menos uma comunista no mundo, que alívio”; “Esquerdista bom é esquerdista morto”; “Esquerdista do caralho, quem defende bandido tem que morrer mesmo”;

² Numa entrevista na rádio Jovem Pan o presidente faz o seguinte comentário: “Todo vagabundo ‘tá’ armado! Só falta o cidadão de bem!” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aR8x5QVRgd8&t=66s>.

cujas vozes também dizem “Bandido bom é bandido morto”, dialogam com o discurso do candidato à presidência, que compactua desse pensamento. E, segundo uma pesquisa do Ibope³, essa expressão, já é aceita por metade da população brasileira.

Já nesse: “Cadê os bandidos que ela defende para ajudar ela? Bandido se mata com arma e não desarmando a população”, e, em comentários anteriores; não fica tão evidente assim as outras vozes ali presentes, por se tratarem de “discursos bivocais”, ou seja, as vozes são “dialogizadas” internamente e a incorporação daquele enunciador político é indireta, ou seja, o discurso não é abertamente citado, mas há, relações de sentido presentes em ambos os enunciados. Não se percebe de fato o discurso do presidente dentro desse enunciado, porém as relações de sentidos estabelecidas nos confirmam a presença desses ecos discursivos que atingem os falantes e se impregnam àqueles.

O sentido trazido no enunciado analisado, também, dialoga com aquele que diz “Bandido bom é bandido morto”, que, hoje em dia, é compartilhado em larga escala nas redes sociais, assim como o comentário: “Morta não fala kkkkkk ainda mais defensora de bandidos que mereceu o fim que teve, favelado bom é favelado morto assim como os funkeiros e manos que são a escória do mundo como os 7 da rocinha que foram para o espaço essa semana”; Nesse enunciado também ficam evidenciadas as vozes advindas de discursos racistas. Como se a morte de pessoas inocentes fosse resolver o problema da violência no Brasil. E, é como se apenas na favela existissem bandidos. Assim podemos dizer que o enunciado proferido pelo “Youtube user” está encharcado de dizeres autoritários, dizeres do ódio, dizeres da intolerância, de sanção aos não cumpridores dos contratos sociais, que são regidos pelas forças centrípetas. Estes enunciados são ouvidos em variadas esferas e meios de comunicação, como: em discursos políticos, discursos do dia a dia, discurso publicitário, nos discursos midiáticos.

Os exemplos enunciativos que dialogam com o nosso corpus são trazidos de um vídeo intitulado “*As piores frases de Jair Bolsorano*”⁴, que se trata de um compilado de dizeres do ex-deputado federal, em um dos vídeos ele faz uma constatação, em tom homofóbico, dizendo que nunca passou pela sua cabeça ter um filho gay porque seus filhos tiveram uma “boa educação” com um pai presente e que não participaria de um desfile gay porque não promoveria “maus costumes”. Isso mostra claramente a influência de discursos do ódio presentes nas falácias de Jair. Já a manifestação racista surgiu após uma pergunta da cantora Preta Gil sobre

³ Pesquisa feita pela revista “O Globo” nos dias 22 e 26 de fevereiro de 2018 com 2.002 pessoas em todo país. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/ibope-50-dos-brasileiros-acham-que-bandido-bom-e-bandido-morto.html>

⁴ O canal responsável por esse vídeo é administrado por Henry Bugalho que além de Youtuber é escritor. O vídeo está disponível no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=n5Kfeiu4QAM>

como reagiria se um de seus filhos se apaixonasse por uma mulher negra. O atual presidente da República respondeu: “Eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito “bem educados” e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu”. Nesta afirmação é perceptível a imagem que ele constrói em seu discurso sobre as pessoas negras e faveladas. Em relação a essas temáticas apontadas temos os comentários: a) “Se for feminista tem que se fude mesmo”; b) “A Caetana Velosa e sua mulher macho Paula beijinho de macaco devem estar muito triste kkkkk”; c) “Essa mulher era uma vagabunda sapatão do caralho!”; d) “Cabelinho de pichain, cara de arrogantezinha se fudeu” que atingem a vereadora justamente por ela ser negra, lésbica, e, feminista, são de fato enunciados que dialogam com os dizeres do citado. Uma vez que o comentário (c) quem enunciou foi uma conta intitulada “Discípulo do Bolsonaro” o que deixa isso mais evidente.

Nesse caminho, segundo Bakhtin, a subjetividade é construída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito. O dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação. A consciência constrói-se na comunicação social, ou seja, na sociedade, na história. Para Bakhtin, a *palavra monológica* não é realizada no diálogo, dela se depreende a *palavra autoritária*, no sentido bakhtiniano, aquela que se impõe, sem discussão. É aquela que se adere de modo incondicional entre pais e filhos, entre aluno e professor, no discurso político ou religioso. Sendo assim as forças centrípetas que a faz existir. Portanto, Bakhtin postula a existência de duas forças que operam nas esferas discursivas: uma que as estabilizam e as tornam homogêneas (forças centrípetas), e outra que as desestabilizam e as tornam heterogêneas (forças centrífugas).

Analisando o comentário: “Que morra e leve os seus grupos de ladrões com você, PT, PSOL...Vai embora...Ninguém merece mais gente como você no Brasil!”; é perceptível, em seus conteúdos temáticos, que se trata de um discurso que ataca, tanto a vereadora, quanto os partidos de esquerda, logo, são discursos direcionados a um público, bem específico. Mesmo que ali não estejam presentes menções à partidos de direita, sabemos exatamente que as pessoas, que, nesse caso, se enunciam, são favoráveis às ideologias de partidos de extrema direita. Então são pessoas que compartilham das suas ideologias, logo, são eleitores de Jair Bolsonaro. Esse comentário, além de fomentar o ódio, promove a morte de seres humanos como uma punição merecida simplesmente por terem ideias diferentes. Marielle agia pelas forças centrífugas, ou seja, defendia os direitos humanos, e, acima de tudo, os contratos sociais defendidos por ela eram “de multilinguismo, de mestiçagem, de diversidade sexual, de pluralidade religiosa, e não

mais de pureza das línguas, de branqueamento da sociedade, de heterossexualidade (BARROS, 2016, p. 9).”

Vamos, agora, à análise do comentário: “A esquerda sempre irrigando sua ideologia com sangue alheio. Se fosse uma mulher negra q não levantasse bandeira, estariam cagando e andando. Que vergonha”; O seu conteúdo temático, também, aborda o ódio expressivo por partidos de esquerda, já que Marielle era vereadora do PSOL. Nesse enunciado há uma especificidade que trata da questão de a vereadora erguer as bandeiras LGBTIs, isso não é explicitado no comentário, mas pode ser identificado pelo vocábulo “bandeira”, que serve de referência às bandeiras de luta aos direitos humanos. Esse comentário diz que a esquerda supostamente estaria se utilizando da imagem da vereadora para fins de comoção pública. Isso só mostra como as pessoas são levadas como “massa de manobra” pelos discursos de autoridades presentes nas esferas sociais.

Seguindo esse sentido, trouxemos outro vídeo⁵, no qual Bolsonaro, ainda em período de campanha, em um de seus comícios pelo estado do Acre, faz a seguinte afirmação: “Vamos fuzilar a ‘petralhada’ aqui do Acre”; “Vamos botar esses picaretas pra correr do Acre”; “Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem que ir pra lá”; “Só que lá não tem nem mortadela, hein galera, vão ter que comer capim mesmo, hein!”. Fica escancarado aqui que o discurso do presidenciável e os enunciados dos usuários são claramente próximos de conteúdo e significação. Portanto podemos interpretar sobre eles um diálogo de vozes que se fazem presentes devido a sua temática e conteúdo. Nos primeiros comentários analisados vemos claramente o tema “armamento” presente também nesse discurso do, então, candidato a presidente. Além desse conteúdo temático, vemos claramente nos comentários analisados posteriormente àqueles, que o tema de ódio à partidos de esquerda é presente também nas falas de Jair Messias.

Portanto, “o discurso na internet deve ser entendido, como um discurso de conjunção concessiva entre contrários: fala (próxima, descontraída, incompleta, subjetiva), embora escrita (distante, formal, completa, objetiva), ou escrita, embora fala (BARROS, 2014, p.11).” Isso quer dizer que esse tipo discursivo não tem uma distinção bem marcada entre essas dicotomias destacadas. Uma hora se aproxima da fala, ora da escrita. Pode haver, assim, uma interação que se depreende de cada uma delas. Resultam disso algumas características adicionais, como: a “interatividade intensa”, a “longa conservação de seus conteúdos” e a “grande extensão de seu alcance”. A interação que acontece online, nesse caso, as dos comentários do Youtube, ganha

⁵ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TAtz7E-XuCw>

essas características, e os usuários passam dias comentando, recomentando, trocando insultos com outros usuários, justamente por causa da dualidade destacadas nesse corpus, entre pessoas a favor dos contratos de diversidade e pessoas contra. Não existe um acordo entre as partes, o que se mostra um problema de natureza dialógica. A onda de ódio se manifesta a favor das forças centrípetas da língua, já quem vai contra ela está agindo pelas forças centrífugas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os comentários que analisamos constroem-se a partir de vozes já estabelecidas em algumas esferas do discurso. Os discursos advindos de figuras públicas, têm suas características discursivas de interação, propagação, continuidade, autoridade, e verdade multiplicados, principalmente, nas redes sociais. E essas influências que os discursos sofrem são o reflexo do que Bakhtin defendeu em sua teoria de que os enunciados sempre carregam outras vozes, portanto quando eu falo, sempre evocarei o que já foi dito. As relações dialógicas estabelecidas entre os dois tipos discursivos analisados são as da propagação do ódio para com o diferente, e, de intolerância, seja esta de natureza sexual, religiosa e partidária. Essas relações se mostraram próximas do que podemos chamar de culto à “animalização” do diferente.

Partindo da análise realizada, fica evidente esse diálogo explícito entre discursos políticos e enunciados da internet. As vozes que foram examinadas nos comentários se presentificam em diversos meios de comunicação em massa, e se trata da manifestação das vozes políticas, vozes partidárias, vozes da igreja que os circundam. Essas vozes atravessam as esferas e alcançam a internet, que funcionará como um megafone dessas vozes.

Como dissemos anteriormente, nos discursos de internet, algumas características comunicacionais são realçadas, como, por exemplo, a interatividade, ou seja, mesmo que não se trate de bate-papos, a interação nos comentários se mostra bastante duradoura, já que o conteúdo postado fica gravado ali, a não ser que o usuário o delete. A interação entre os locutores cibernéticos é bastante ácida e nociva, é raro chegarem num acordo, geralmente as discussões são divididas entre sujeitos de posição polares: os que são a favor e os que são contra tal ideia. As características adicionais que os enunciados ganham nas esferas midiáticas de comunicação, em conjunto aos discursos autoritários, dão ao discurso político, que na verdade é o de ódio, um inimaginável poder de persuasão, garantindo, assim, um número expressivo de seguidores e apoiadores.

Por essa razão, podemos dizer que os objetivos propostos no projeto foram alcançados, como estabelecer as relações dialógicas entre os discursos de internet e discursos políticos, examinar as vozes que se presentificam no discurso do ódio, descrever as relações de sentido estabelecidas nesses discursos, refletir sobre a interação verbal construída por meio deles, e, sua repercussão nas grandes mídias. Acreditamos que o estudo aqui apresentado contribui para o aprofundamento da discussão, sob uma perspectiva linguística bakhtiniana, sobre o ódio que vem sendo exteriorizado pelos brasileiros nas redes sociais acerca de questões que ferem a

democracia do país, uma vez que esse tipo discursivo vem espreitando a sociedade e crescendo a cada dia, se alimentando da seiva dos discursos de plurilinguismo, diversidade cultural, liberdade de expressão e humanização das diferenças.

7 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira São Paulo: Hucitec, 2009.

BARROS, L.P. de. *Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo*. [artigo científico]. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151/13239>. Acesso em: 1 jun. 2019.

BARROS, L. P. de. *O discurso intolerante na internet: enunciação e interação*. [artigo científico]. Disponível em: < <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0716-1.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2019.

CERVO L. A. *Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo. Ática, 2006.

HILGERT, J. G.; NETO, A. B. *A irrupção do ódio na internet: traços discursivos de sua manifestação no Facebook*. [artigo científico]. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/7429>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SOBRAL, Adail. *Ato/atividade e evento* in: BRAIT, Beth. (org). *Bakhtin conceitos-chave*, São Paulo, Contexto, 2005.